

NOTÍCIA INFORMATIVA DA VIDA E FAMA
DE SANTIDADE DO SERVO DE DEUS

Isidoro Zorzano

Engenheiro de máquinas,
membro do Opus Dei



NÚMERO 7 • PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA
LISBOA • AGOSTO DE 1960

Isidoro viveu no melo do mundo e santificou-se no mundo. Na sua vida quase não há factos extraordinários:—o que houve de extraordinário consistiu precisamente em procurar com heroísmo a perfeição no trabalho ordinário e nos pormenores correntes de cada dia.

Nesta Notícia Informativa dão-se a conhecer diversos aspectos da vida do Servo de Deus e algumas das graças obtidas por sua intercessão.

O IDEAL DE ISIDORO ZORZANO

Se a vida não tivesse por fim dar glória a Deus, seria desprezível; mais ainda: detestável.

(José María Escrivá, Caminho, 783)

A 13 de Setembro de 1902 nasce Isidoro Zorzano em Buenos Aires (Argentina). De 1920 a 1927 frequenta a «Escuela Especial de Ingenieros Industriales» de Madrid, formando-se nesta data em Engenharia de Máquinas.
Em 24 de Agosto de 1930 entra no Opus Dei, que então estava nos seus começos, e que, mais tarde, ao receber o «Decretum Laudis» da Santa Sé, havia de ser o primeiro Instituto Secular da Igreja.
De 1929 a 1936 exerce em Málaga a sua profissão de engenheiro, na Companhia dos Caminhos de Ferro Andaluces.
De 1926 a 1939 vivendo em Madrid, numa época de perseguição religiosa, exercita com os seus e com todos, a sua caridade heróica e o apostolado do seu exemplo e da sua alegria, no meio de todas as privações e dificuldades.
Até ao dia 15 de Julho de 1943, prestou os seus serviços na Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE).
Naquela data, morre Isidoro, depois de uma longa e dolorosa doença, que foi a última etapa do seu caminho de santificação.
Em 11 de Outubro de 1948, começa em Madrid o processo de beatificação do Servo de Deus, Isidoro Zorzano Ledesma.

UM homem vale o que valerem os seus ideais. O simples facto de vivermos não nos distingue dos animais e das plantas. A vida humana é um empreendimento, uma luta para atingir um fim; é uma actividade racional que vai estabelecendo novos objectivos a alcançar, que prevê os meios necessários para os conseguir, e que depois, sacrificadamente, os põe em prática.

A existência humana não se justifica por si própria, como a dos animais e a das plantas, que esgotam o seu ser no mero facto de viverem, seguindo as leis cegas dos seus instintos. Submetendo-se a esses ditames imperiosos, os seres irracionais cumprem a sua missão, a sua vida fica justificada. Não acontece o mesmo com os homens; se se deixassem levar pelos seus impulsos instintivos, pelos seus gostos e caprichos, ficariam reduzidos a um estado infra-humano. São seres racionais, e racional, portanto, há-de ser o seu comportamento e a sua vida.

Temos, por conseguinte, de dar fins à nossa actividade: prepararmo-nos para determinada profissão, constituir família, triunfar no nosso trabalho, sustentar e educar os filhos...

No entanto, se estes fins (e pomos já de parte os que não forem honestos e nobres) não estiverem ligados entre si, subordinados uns aos outros, a vida humana desintegra-se, desorienta-se, perde-se no meio deles. Cada um pelo seu lado chamará por nós, e virá então a inquietação interior; quereríamos fazer tudo ao mesmo tempo e não terminaremos nada na prática. Sentir-nos-emos como que perdidos numa grande cavidade sonora, ouvindo repetir por toda a parte o eco do nosso nome, mas sem sabermos, afinal, aonde havemos de acudir

Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas

O IDEAL DE ISIDORO

(Continuação da pág. 1)

para encontrar a voz que nos chama.

É preciso, portanto, subordinar todos os fins da nossa vida a um só, para podermos ter coesão e força no nosso interior; temos de procurar fazer uma só coisa na vida. Os grandes homens, normalmente foram grandes porque orientaram as suas vidas, porque concentraram as suas energias ao serviço de uma única causa.

É chegado, talvez, o momento de fazermos exame de consciência. Saberíamos responder, se alguém nos perguntasse o que é que procuramos conseguir na vida? Não é verdade que há muita

Tudo isso, que te preocupa de momento, é mais ou menos importante. — O que importa em absoluto é que sejas feliz, que te salves.

(Caminho, 297)

gente que vive só por viver, ou por viver o melhor possível, sem se preocupar por servir um só ideal? Esses não chegam a ser autenticamente homens.

No entanto, esse fim único que há-de ser o resumo de toda a nossa vida, não pode ser um fim escolhido caprichosa-

mente. Somos criaturas — elevadas, além disso, por meio de Cristo, a um plano sobrenatural — e o nosso fim é dar glória ao nosso Criador e Pai, tomando parte, em unidade de pensamento, de afectos e de acções, na própria vida de Cristo, na vida de Deus, de que participamos.

O último e único fim da nossa vida é a Glória de Deus, que é amor e união com Cristo. Tudo o demais se reduz a um segundo plano: trata-se simplesmente de meios que nos podem ajudar a conseguir o fim. Na medida em que vivermos para a glória de Deus é que atingiremos a plenitude a que Deus nos destinou. O verdadeiro homem não é o atleta, nem o Prémio Nobel; é aquele que procura, como objectivo da sua vida, viver rectamente para cumprir a vontade do Criador, e assim lhe dar glória.

Mas unicamente se pode dar glória a Deus, cumprir a sua Vontade, «per Christum», por meio de Cristo. E unir-se a Cristo — pensar, querer e actuar unidos a Ele — é ser santo.

Isidoro procurou conseguir muitas coisas na vida. Era um homem que labutava no meio do mundo e tinha de afadigar-se com muitas preocupações diárias. Era dotado, além disso, duma grande tenacidade para conseguir o que pretendia: por exemplo, para chegar a

ser engenheiro teve de pôr em prática a sua grande constância e espírito de trabalho, em condições familiares e económicas adversas. Necessitou de viver uma fidelidade heróica ao cumprimento do dever durante os primeiros anos de

A aceitação rendida da vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz: a felicidade na cruz. — Então se vê que o jugo de Cristo é suave e que o seu peso é leve.

(Caminho, 750)

vida do Instituto, enquanto a República espanhola levava a cabo as perseguições religiosas e se desencadeava a guerra civil. Mas foi precisamente a sua entrega ao serviço de Deus no Opus Dei, o que veio dar consciência e unidade à sua vida. Isidoro sabia que fazendo o Opus Dei se unia a Cristo, e toda a sua actividade se resumiu em trabalhar pela Obra, sendo um instrumento dócil nas mãos do Fundador. E se Isidoro continuou com os seus trabalhos de engenheiro, se continuou a manter no meio do mundo todas as suas relações familiares e sociais, era porque através de tudo isso precisamente é que ele tinha de realizar a Obra, que um desígnio de Deus lhe indicara como seu caminho, como o seu ponto de inserção no Corpo Místico de Cristo.

Depoimento de um descrente

Transcrevemos a seguir um artigo publicado por Muñoz Andía na revista argentina «Leoplán», sob o título: «Eu conheci um santo argentino».

«Era uma tarde brilhante de primavera, e o bombardeamento começava a tornar-se mais intenso. Junto de mim senti que se desmoronava um edifício, e pouco depois verifiquei que, movido por essas leis misteriosas que regem o instinto de conservação, me encontrava já aninhado numa cave próxima, onde também se refugiavam outras pessoas. Ele chegou uns momentos mais tarde. Não teria procurado refúgio — e também não o procurava desta vez — se não viesse acompanhado por um miúdo apanhado no meio da rua que tremia de alto a baixo.

— «Não te assustes; isto passa já.»

Tinha um sorriso tão particular, o seu tom de voz e os seus modos tinham uma amenidade tão profunda, que conseguiu imediatamente tranquilizar o pequeno, e todos os que presenciávamos a cena.

Eu não era crente nem o sou agora. Talvez por isso não relacionei a sua suavidade com nenhum valor extraterreno, e unicamente me faz lembrar o personagem de Jolan Foldes descrito na obra: «A rua do gato que pesca».

Ele era assim, sorridente, amável, vital. A sua vitalidade contagiava todos pela sua mera presença, e as suas palavras sublinhavam apenas uma sensação indescritível.

Nessa tarde conversámos um pouco, e depois acompanhei-o durante um bocado, enquanto ele levava a casa o miúdo que encontrara na rua.

— «Ah, pibe!...» — chamou ele ao rapazito.

Esta sua expressão fez-me reconhecer nele um argentino.

«É verdade», disse-me, «nasci em Buenos Aires em Setembro de 1902. Mas há já muitos anos que vivo na Espanha».

Veio para Madrid para cursar engenharia e durante sete anos — de 1920 a 1929 — foi aluno exemplar da Escola Especial de Engenheiros Industriais de Madrid.

Falou-me então (e muitas vezes voltaríamos ao mesmo tema, pois depressa passei a encontrar-me com ele amiudadas vezes) de Málaga, onde tinha trabalhado durante quase nove anos como engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro Andaluzes.

Nunca me disse nada de especial, nada que me chamasse a atenção. O que porém nele me atraía como se fosse um caso notável era a sua simplicidade, o seu comportamento heróico de todos os dias.

Mais tarde, terminada a guerra civil, continuou na sua vida de sempre. Talvez estivesse mais pálido, mais magro. Uma tarde, chamei-lhe a atenção para isso.

— «A minha saúde?!» «Meu caro amigo» — respondeu-me —, «a minha saúde não vale um tostão». «Não sabe que todos os médicos já me condenaram à morte?»

(Continua na pág. 4)

Graças obtidas por intercessão de Isidoro

A partir da morte do Servo de Deus, têm-se obtido, por sua intercessão, numerosas graças, muitas delas verdadeiramente extraordinárias. Em diversas ocasiões e em circunstâncias muito diferentes, grande número de pessoas tem recorrido com fé a Isidoro, pedindo-lhe ajuda para a solução de problemas espirituais e materiais de todos os géneros.

Todos os que invocaram o seu nome, em sofrimentos e doenças, em contradições e problemas, encontraram fortaleza para o espírito e, em grande número dos casos, a satisfação dos seus pedidos.

A confiança na eficácia da intercessão de Isidoro tem aumentado entre pessoas de todas as classes sociais e tem-se estendido por muitos países.

Publicamos a seguir algumas das muitas graças cuja obtenção tinha sido pedida ao Servo de Deus.

A. N. S., de Coimbra, encontrando-se um dia em Roma, deu pela falta da carteira onde guardava o dinheiro e a documentação. Procurou recordar o percurso que tinha feito e lembrou-se que havia perto de uma hora, tinha trocado dinheiro numa casa de câmbio. Mas recordava-se também perfeitamente de que, depois de sair, ainda levava a carteira consigo. Encomendou o caso a Isidoro e voltou pelo trajecto percorrido até chegar novamente à casa de câmbio. Sabia que não a deixara ali, mas não deixou de expor o sucedido. A pessoa que o atendeu, em resposta, começou a perguntar-lhe imediatamente o nome, os sinais da carteira, o seu conteúdo, a quantia exacta que levava... A. N. S., estupefacto, ia respondendo. Quando o empregado se deu por satisfeito entregou-lhe a carteira intacta. «— Mas o senhor não a perdeu aqui...» — esclareceu. E apontando para uma pessoa que presenciava a cena, explicou: «Foi aquele senhor que a encontrou e a trouxe cá».

Este, por sua vez, contou mais detalhadamente como tudo se passara. Ia pela rua quando encontrou a carteira perdida. Depois de ver sumariamente que se tratava da carteira de um estrangeiro, guardou-a consigo e continuou o seu caminho. Passado algum tempo, porém, ocorreu-lhe a ideia de que talvez aquele estrangeiro tivesse entrado numa casa de câmbios. Não havia naquele sítio nenhuma, nem ele conhecia qualquer outra perto dali. Resolveu procurar nas redondezas até encontrar um estabelecimento de câmbio. Acabava de perguntar ao empregado se por ali tinha passado há pouco um estrangeiro, quando A. N. S. entrou no mesmo local.

C. L., de Itália, escreve-nos: «Ouvi falar do Servo de Deus Isidoro Zorzano ocasionalmente, depois de ter conhecido um sacer-

dote do Opus Dei. Recebi depois algumas vezes a «Notícia Informativa» e comeci a invocá-lo em minha ajuda.

A primeira vez foi em 1958, quando me encontrava sob uma acusação que ameaçava arruinar-me, a mim e à minha família, completamente. Obtive então a graça de libertar-me inteiramente desse opróbrio. No entanto, como naquelas circunstâncias tinha invocado também alguns Santos e a Virgem Santíssima, não sabia se devia ou não atribuir a graça recebida ao patrocínio de Isidoro.

Porém, uma segunda vez o invoquei em 1959, quando esperava o resultado dum concurso que me tinha corrido bastante mal, e que, o que era pior, tinha sido submetido a discussão por motivo de uma lei que acabava de sair. Tratava-se, portanto, de superar um triplíce obstáculo: a Comissão do concurso — que deveria modificar a sua opinião em meu favor —, o parecer do Conselho Superior e a decisão do Ministro.

Pedi então ao Servo de Deus que nesta ocasião me mostrasse o seu patrocínio, confirmando assim que da outra vez também tinha sido ele quem me ajudara. Pedi com fé, fazendo uma promessa solene.

Os meus desejos satisfizeram-se completamente, quando todas as circunstâncias me eram adversas e os homens me tinham abandonado já. Devo a Isidoro a minha vitória, e não cesso de sugerir aos meus amigos que corram também a ele com fé na sua intercessão.

Um pormenor curioso, foi o de que a notícia do bom êxito no meu concurso chegou precisamente no dia 4 de Abril, dia da festa de S. Isidoro, como a confirmar o autor da graça recebida».

«Eu não conhecia Isidoro. Foi ele que se meteu em nossa casa para encher-nos de favores.

Em nome de um irmão meu, engenheiro, chegou um dia uma «Notícia Informativa de Isidoro». Ia já para rasgá-la e atirá-la ao cesto dos papéis como faço com tantos anúncios que chegam em seu nome, quando houve qualquer coisa que me atraiu a atenção. Abri-a, li-a de alto a baixo e fiquei impressionada.

Naquele mesmo dia recebi uma carta do México, onde me contavam que uma minha sobrinha estava gravemente doente: leucemia, cancro do sangue... Toda a família estava preocupadíssima.

Então, ajoelhando-me, com todas as forças da minha alma supliquei a Isidoro, que acabava de conhecer, que intercedesse por ela. No mesmo instante senti uma paz interior, e uma segurança tão profunda de que a minha sobrinha se curaria, que nunca mais poderei esquecer esse momento.

Passaram-se alguns dias. Chegaram mais cartas do México — anteriores ao meu encontro com Isidoro — com notícias verdadeiramente alarmantes. Finalmente chegou uma carta escrita no mesmo dia em que pedi ajuda a Isidoro:

«Aqui deu-se uma coisa extraordinária. A doença da menina deu uma reviravolta inacreditável. Houve com certeza uma intervenção sobrenatural».

Enviei-lhes a «Notícia Informativa de Isidoro». Desde então é o protector da família e são inumeráveis as graças que nos tem concedido. Nas nossas cartas e nas nossas conversas sempre lhe chamamos «o nosso celestial protector».

A minha sobrinha acaba de fazer a pri-

meira Comunhão, visivelmente protegida por Isidoro. E que ele nos conserve sempre de baixo da sua protecção e nos leve a Deus, é o que continuamente lhe pede esta família agradecida». X. X., de Madrid, Espanha.

M. M., de Turim, Itália, conta-nos: «O meu marido ficou doente com uma broncopneumonia e poucos dias depois foi necessário levá-lo para um hospital por causa de uma hipertensão arterial com insuficiência cardíaca e agravada ainda por uma afecção da próstata. Daí a quinze dias sobreveio outra broncopneumonia e, quando começava a melhorar, a febre subiu de novo: chegava a 39,5, descia pouco depois a 37° e voltava a subir, mantendo-se neste estado durante uma semana. Os rins não funcionavam provocando uma grave intoxicação e todos os remédios se mostravam ineficazes.

A nossa filha, que é religiosa e tem muita fé em Isidoro Zorzano, implorou-lhe a sua ajuda, prometendo publicar a graça e enviar um donativo, se fosse ouvida.

O meu marido está completamente curado, e dá-nos muita alegria poder cumprir o prometido».

«Sou casado e tenho quatro filhos. O mais novo de todos ainda não tem um mês. Recentemente sofreu uma infecção gravíssima, sem que os médicos a pudessem localizar. Lançou-se mão de toda a espécie de antibióticos e de sulfamidas. Tudo em vão. A febre continuava, e a criança — de vinte dias apenas — tinha muito poucas probabilidades de cura, segundo a opinião dos médicos.

Chegou um dia em que o seu estado era gravíssimo e já quase dava a impressão de estar morto: paralisia geral e sintomas de agonia. Neste momento de apuro, e estando eu ausente de casa, a minha sogra lembrou-se de Isidoro e com o menino moribundo nos braços invocou a sua protecção, rogando-lhe que intercedesse por ele..., e eis que sucede realmente um facto impressionante: nesse momento, a criança começa a abrir lentamente os olhos ao mesmo tempo que lhe vai desaparecendo a cor amarelada do rosto. E as melhoras continuaram com um ritmo mais acelerado que as previsões mais optimistas. Hoje, o menino está totalmente fora de perigo».

M. F., de Ceuta, Marrocos.

Agradecem também graças obtidas por intercessão de Isidoro: X. X., de Braga, por «uma graça inesperadamente recebida», e M. P. S., de Lisboa.

A quem obtiver graças por intercessão do Servo de Deus Isidoro Zorzano roga-se o favor de enviar uma nota descritiva à seguinte direcção:

Rev.º Dr. Hugo de Azevedo.

Rua do Dr. António Cândido, 10 — Lisboa - 1.

Estas notas devem ser muito pormenorizadas, incluindo ordinariamente nomes, apelidos e endereço, embora se guarde o incógnito, se assim o desejarem, ao publicar nesta folha a notícia correspondente.

Com autorização eclesiástica

Depoimento de um descrente

(Continuação da pág. 2)

Fiquei lívido. Falou do seu estado com tal simplicidade, a sua resposta foi de uma naturalidade tão sincera, que não acertei com nenhum comentário. Mais tarde, por intermédio de outros amigos, soube que, com efeito, tinha sido atacado por uma doença incurável e que não lhe restava nenhuma esperança.

Nos princípios de 1943, num duro e frio dia de Janeiro encontrei-o no centro da cidade, e fomos a um café conversar um bocado. Nessa época desempenhava ainda muitas actividades, mas as suas forças já fraquejavam.

— «Estou no meu último ano», afirmou, e no seu rosto já se desenhava a cor da morte. «Gostaria de ver outra vez Buenos Aires; mas agora já é demasiado tarde».

No dia 15 de Julho de 1943 morria.

Algumas vezes voltei a lembrar-me deste meu simpático amigo que me tinha causado uma impressão tão profunda... sem eu bem saber porquê.

Cinco anos depois, fiquei grandemente surpreendido ao ler num jornal que se tinha iniciado em Madrid o processo de beatificação do Servo de Deus Isidoro Zorzano Ledesma.

Compreendi de repente aquela atmosfera singular que envolvia a personalidade do meu amigo. Não era propriamente a sua fronte elevada, nem o seu olhar transparente, nem a sua serenidade imperturbável; não era bem a bondade de todos os seus actos, nem a sua infatigável actividade, nem a sua resignação perante a morte. Era aquela atmosfera imaterial que o rodeava e que emanava dele. Seriam assim os santos da Igreja? Não sei. Repito que não sou crente, e que não foi a fé nem nenhum outro sentimento de carácter intelectual ou espiritual que influiu nas minhas relações com Isidoro.

Foi qualquer outra coisa que desde então me tem preocupado seriamente e que muitas vezes me tem feito pensar naquele encontro com o engenheiro argentino, destinado, pelo visto, a fazer parte do santoral da Igreja Católica.»

• • •

PEDIMOS AOS LEITORES DESTA NOTÍCIA INFORMATIVA O FAVOR DE NOS ENVIAREM INDICAÇÃO DOS NOMES E MORADAS DAS PESSOAS A QUEM PUDER INTERESSAR RECEBÊ-LA.

•

As pessoas que quiserem contribuir com as suas ofertas para a edição desta Notícia Informativa ou para as despesas do Processo de Beatificação, podem dirigir-se ao Rev.º Dr. Hugo de Azevedo, Rua Dr. António Cândido, 10 — Lisboa - 1.

**NOTÍCIA INFORMATIVA DE ISIDORO ZORZANO
PUBLICAÇÃO GRATUITA**

Ex.º Senhor

Remete: *Dr. Hugo de Azevedo — Rua Dr. António Cândido, 10
— LISBOA - 1*

Oração para a devoção privada

Ó Deus, que enchestes o Vosso Servo Isidoro de tantos tesouros de graça no exercício dos seus deveres profissionais, no meio do mundo: fazei que eu saiba também santificar o meu trabalho ordinário e ser apóstolo dos meus amigos e companheiros; dignai-Vos glorificar o Vosso Servo e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço:

Pai Nosso, Avé Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que esta oração não tem qualquer finalidade de culto público e que, na interpretação das graças e da santidade do Servo de Deus, em nada se pretende antecipar o juízo da Santa Igreja.

Ofertas para o processo de beatificação:

Agradecemos as ofertas que nos enviaram para o processo de beatificação:

C. de L. de Lisboa, 50\$00; E. M. S., de Sangalhos, 50\$00; J. C. S., de Coimbra, 20\$00; J. F. C. A., de Braga, 100\$00; M. F. S., de Sangalhos, 50\$00; M. J. A. S., de V. N. de Famalicão, 25\$00; M. P. S., de Lisboa, 50\$00; V. C., de V. N. de Famalicão, 25\$00.

ESTA NOTÍCIA INFORMATIVA PUBLICA-SE EM PORTUGUÊS, ESPANHOL, INGLÊS E ITALIANO

**Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas**